

Como vai ser 2017?

Carlos Honorato, dezembro de 2016

A bandalheira da política nacional é tão grande que ela ocupa quase todo o “espaço” dos meios de comunicação. Os colunistas de política e economia estão se transformando em colunistas de “polícia” e, ao mesmo tempo, estão desenvolvendo teses bastante criativas para tentar descobrir qual será o deputado, senador ou ministro que vai ser agraciado com uma hospedagem em Curitiba. Como a delação do fim do mundo será divulgada apenas em fevereiro, é possível que se tenha algum tempo para se falar sobre temas diferentes, tais como inflação, taxa de juros, endividamento das famílias, etc. A questão central, então, pode ser: quando o juro vai baixar?

Essa questão é importante, pois a atual taxa de juros nacional é a mais alta do mundo e está, de diferentes formas, travando a economia como um todo. As taxas de juros de alguns “produtos” bancários estão persistentemente em torno de 350% e 450%, e o que se pode dizer sobre elas é: são obscenas! São muito obscenas!

A consequência inevitável é que as famílias se endividaram de forma descontrolada e quase 45% delas estão com sua capacidade de endividamento completamente comprometida. O crédito fácil dos anos da tia Dilma criou uma ilusão cruel, pois agora, em tempos pós-Dilma, as famílias estão precisando conviver com contas atrasadas e impagáveis, especialmente quando chega o fantasma do desemprego. Voltando a questão central “quando o juro vai baixar? ”, a perspectiva de curto prazo é uma sedução lenta e gradual, infelizmente! A atual equipe econômica, e os burocratas do Banco Central (BC) são extremamente conservadores e, mesmo com a tendência de redução de taxa inflacionária para 2017, estão reduzindo (e vão reduzir) a taxa de juros básica a uma velocidade e intensidade muito menor do que a desejada. Ora, se isso aconteceu (e vai acontecer!), a economia vai continuar patinando, pois tanto as famílias como o governo estão sem capacidade potencial de criar demanda e investimento, respectivamente.

A redução esperada para janeiro de 2017 deve ser 0,5%, mas se os burocratas do BC fossem mais corajosos poderia ser 1,0%, no mínimo. Depois de janeiro (0,5%) o que se pode esperar ao longo do ano é uma “redução” periódica mais gradual ainda (0,25%), logo a taxa de juros básica, no final de 2017, não deve ser inferior à 12,5%, que é uma taxa elevadíssima se comparada com a americana (+0,5%) ou a japonesa (+0,2%). Diante desse cenário, quase inevitável, o que se pode esperar é que a inflação no final de 2017 bata no limite superior da meta (6,5%), que a taxa básica de juros continue obscena, que as famílias continuem endividadas e sem poder de compra, que os governos continuem algemados financeiramente e, finalmente, para desgasto do pobre povo pobre, continuaremos sendo um país sem futuro ao invés de um país do futuro, como já fomos em um dia distante.